

QUANDO A CENA SE TORNA OBSCENA

Arlete Mourão*

Resumo:

Este trabalho refere-se a dois recortes clínicos de neurose obsessiva, vistos sobre o viés da angústia de castração, e dentro de uma de uma abordagem clínica/teórica lacaniana.

Enquanto uma neurose contemporânea por excelência, a estrutura obsessiva nos permite relançar algumas questões que muitas vezes constituem-se como impasses para o tratamento.

Nesse sentido, mais do que um questionamento da neurose obsessiva, o objetivo aqui é problematizar o próprio papel do analista frente a essa estrutura. De que lugar e mediante qual função o analista pode e deve intervir no sentido de facilitar a entrada e possibilitar a saída na análise do obsessivo?

Summary:

This paper makes reference to two clinical vignettes of obsessional neurosis patients seen from the castration anxiety perspective and inside a clinical-theoretical Lacanian framework.

The obsessional structure, as a very contemporary neurosis, allows us to put some questions again concerning to stalemates occurring during its treatment. Such stalemates can be linked, according to author, to the very way in which the treatment is conducted.

Thus, it is said that the real aim of the paper is to discuss the role of the analyst in the presence of the obsessional structure: from what position and through what function the analyst can end should to intervene in order to facilitate the commitment of obsessional patient to his analysis as well as the end of it?

I-

Quando a cena se torna obscena foi o título que me ocorreu ao pensar em certos contextos com os quais somos obrigados a nos defrontar em casos de neurose obsessiva.

É pelo viés da angústia – da angústia de castração – que, penso, podemos ter alguns subsídios para discutir o que vem a ser um determinado impasse, que se apresenta tanto em termos do início, quanto particularmente do fim de análise do obsessivo.

No início, tal impasse refere-se à possibilidade de entrada em análise. Nesta, o que se coloca em primeiro plano é a dimensão do sintoma, cuja queixa precisa ser transformada em questão, a partir da suposição de um saber contido nesse sintoma – saber que será atribuído ao Outro, ao analista. Aí, uma primeira dificuldade surge na clínica do obsessivo: como escutar esse sintoma expresso dentro de uma extrema racionalização, exatamente, para que o sujeito não saiba desse saber do sintoma? Como escutar de tal forma que se abra, para além da ruminação, a possibilidade de análise? Em outras palavras, como permitir que se instaure, no obsessivo, uma neurose de transferência?

Em termos do fim de análise, o impasse freqüente é a possibilidade ou tendência a uma eternização do tratamento ou, sob a forma de um *acting-out*, a uma interrupção do mesmo, ou seja, um atuar fora da cena analítica. Em ambos os casos, o que se adia é o horror que poderia ser provocado pelo confronto com o que Lacan chamou de *angústia anal*¹. Se essa angústia

* Membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil.

¹ A *angústia anal* é a forma pela qual se expressa a angústia de castração, quando o sujeito se vê confrontado, na sua relação com o Outro, com situações que reflitam uma dinâmica pulsional anal. Esta corresponde a um ponto da estruturação subjetiva onde o desejo do sujeito fica marcado pela relação

surge exatamente na relação com o Outro, a questão que se estabelece para o analista, que ocupa esse lugar do Outro, é como intervir, nesse ponto de término, no sentido de que essa angústia possa ser superada, isto é, integrada em vez de atuada.

Não há como começar a abordar tais questões sem uma referência inicial à diferença entre os sintomas obsessivos e a estrutura obsessiva como tal, uma vez que, com frequência, os primeiros podem equivocar uma escuta sobre a segunda. Em muitos casos, até mesmo a montagem transferencial não nos dá indícios suficientes, antes de um certo tempo, para uma apreensão correta do tipo de desejo e demanda que estão em jogo.

A meu ver, desenvolver essas questões problematiza, especialmente, o aspecto do “*desejo do analista*”², e o que poderíamos nos questionar em termos de nossas intervenções para que a cena não se torne obscena, ou seja, para que não se “emerde” a possibilidade de análise e/ou seu término.

II –

Então, o que é mesmo que está em evidência na análise do obsessivo?

Pensar isso pelo viés da angústia requer, de início, uma referência ao conceito de angústia desenvolvido amplamente por Lacan no seu décimo seminário, proferido em 1963. A partir dali, e de uma forma resumida, pode-se dizer que a angústia é a perturbação que acomete o sujeito, em função de uma certa confrontação com o “*desejo do Outro*”³. Ela está ligada, fundamentalmente, ao fato do sujeito não saber qual *objeto ‘a’*⁴ ele é para o Outro.

Partindo da premissa de que o *desejo é desejo do Outro*, impõe-se uma breve abordagem sobre a estruturação desse desejo na neurose obsessiva.

Nesse seminário sobre a Angústia, Lacan ilustrou como, na neurose, o desejo estrutura-se de estágio em estágio, progressiva e regressivamente, em função da forma como o “*objeto a*”

estreita com a demanda do Outro (demanda educativa esfícteriana). Aí, o que está em jogo na relação com o Outro, enquanto objeto que mediatiza essa relação, é o objeto parcial anal, ou seja, as fezes, enquanto equivalência do falo. Essa angústia pode surgir quando o sujeito encontra aí uma identificação.

² O “*desejo do analista*” é o conceito lacaniano que se refere a uma função do analista que é operadora ou *motus* do tratamento. A análise se dá em função desse desejo, ou seja, em função de uma transferência que levará o analisando, cada vez mais, em direção da questão “O que ele (lugar do Outro, sustentado pelo analista) quer de mim?”. É perseguindo essa questão que o analisando terá a chance de poder apreender, em ato na transferência, suas fantasias, seu saber e verdades inconscientes. Portanto, não se trata de algo que o analista queira ou deseje, mas de uma função a ser sustentada – função de manter uma incógnita (x) através da qual o analisando pode buscar seu próprio desejo e saber inconscientes.

³ O “*desejo do Outro*” é uma maneira de referir-se ao desejo inconsciente (*wunsch*) tomando por parâmetro a dimensão da linguagem e, portanto, da relação do sujeito com o outro. Nessa relação, o que se coloca é a referência hegeliana do reconhecimento, o que permite considera-se que, por trás de todo desejo, há uma demanda de amor, de fato, demanda de reconhecimento – reconhecimento pelo outro. Para que isso ocorra, é preciso desejo do sujeito corresponder ao que o outro deseja. Sendo o outro representado, originalmente, por uma mãe absoluta, plena, ele constitui-se enquanto um “grande Outro” para o sujeito, cujo desejo passa então a configurar-se enquanto o desejo de atender o desejo desse Outro: desejo do desejo do Outro.

⁴ O conceito de “*objeto a*” diz respeito não a um objeto propriamente, mas à falta de um objeto, que satisfaça o desejo inconsciente. Ele constitui-se como um “resto” da operação de subjetivação, que se dá entre o sujeito e o Outro, e é usado pelo sujeito para mediar sua relação com esse Outro. Nesse sentido, ele passa a ser aquilo que causa o desejo e aquilo que o desejo visa. Sua principal característica é a de ser algo da ordem do real, ou seja, algo não simbolizável, não representável – algo da ordem da perda. Uma vez que é no campo da perda que o desejo instala-se para o sujeito – instituindo-se como sendo sempre desejo de “outra coisa” – o objeto ao qual ele se relacionará também será instituído em relação a essa perda. Isso circunscreve tal objeto como um vazio, como um lugar a ser preenchido, como um impossível a ser alcançado. Refere-se, portanto, ao objeto perdido de Freud. Quando ele aparece, só pode aparecer sob forma fragmentada e colada aos objetos parciais, ou seja, aos objetos pulsionais como o oral (seio), o anal (fezes), o escópico (olhar), o invocante (voz) = as quatro equivalências ou substitutos do falo.

vai instituindo-se, enquanto substituto do falo, em cada nível do processo de subjetivação, ou seja, no nível oral (seio), anal (fezes), escópico (olhar) e invocatório (voz).

Uma vez que na neurose obsessiva está em evidência a relação do sujeito com o objeto anal, o que fica marcado na estruturação desse desejo – desejo anal, desejo de reter – é uma especificidade na relação com esse objeto que causa o desejo. Tal especificidade, entre outras coisas, e para o objetivo deste trabalho, implica dois enfoques:

1 – A *natureza de causa do objeto* toma uma dimensão especial na estrutura obsessiva, pois entra no processo de subjetivação em função de uma demanda do Outro – a demanda educativa –, acoplando-se à demanda do sujeito, compondo uma “dupla demanda”. Isso convoca o sujeito a identificar-se ao objeto dessas demandas – o excremento –, dimensionando sua subjetividade em duas perspectivas:

- a) uma parte do sujeito fica *valorizada*, porque dá satisfação à demanda do Outro;
- b) outra parte fica reprovada, *rejeitada*, porque sobre esse objeto, o cocô, ensina-se também que não se deve ter muitas relações com ele.

A inerência dessa função de causa se dá pelo fato de que o “*objeto a*” é anterior a toda fenomenologia: ele é o *resto* da constituição do sujeito, no lugar do Outro, na medida em que tem de se constituir enquanto sujeito falante – *Sujeito Barrado*⁵.

No obsessivo, esse estatuto de resto toma um valor excepcional quando, na relação com o desejo do Outro, ele é obrigado a ter que se haver com sua identificação a esse objeto abjeto, ou seja, ao objeto excremental.

Em função disso, o que está presente nessa relação com o Outro é, ao mesmo tempo, o que ele (o sujeito) é, e o que ele não deve ser. Tem-se, então, a correlação da constituição do sujeito como ambivalente em relação à demanda do Outro.

É por aí, também, que se pode entender porque o desejo constituído em função desse objeto – desse resto – fica marcado por uma natureza de impossibilidade, e a angústia que ele mobiliza assumir um caráter de núcleo irredutível.

Segundo Lacan, impossibilitado de se haver com seu desejo, o recurso que o sujeito obsessivo encontra é o de relacionar-se com o desejo *no* Outro. “O que quer que ele faça, a qualquer refinamento que atinjam ao serem construídos seus fantasmas e suas práticas, o que o obsessivo apreende deles... é sempre o desejo *no* Outro. É na medida do retorno desse desejo no Outro, pelo fato que é nele essencialmente recalçado, que tudo se ordena na sintomatologia do obsessivo. A solução é conhecida: para cobrir o desejo do Outro, o obsessivo tem um caminho, o recurso à *demanda no Outro*⁶ [...]. É preciso que o Outro lhe peça isso.” (conferência de 12/06/63). Não é mais o sujeito, mas Outro que quer !

Nessa perspectiva, o desejo do Outro sempre colocará o sujeito sob a ameaça de ter que se haver com seu próprio desejo, ou melhor, com o objeto anal que o causa. É por isso que, segundo Lacan, na análise do obsessivo, essa dimensão de causa é essencial, posto ser “a única a indicar a emergência, a presentificação desse “*objeto a*” nos dados iniciais da análise, em torno do qual deve girar a análise da transferência, para não ser obrigada a rodar, necessariamente, em círculos” (ibid.).

2 – A montagem da *estrutura fantasmática*, na qual o esforço do sujeito obsessivo para alcançar uma posição de desejo, segundo Lacan, o introduz numa categoria de potência⁷.

Isso significa que, no processo de subjetivação, quando é atingido o nível escópico⁸ – nível propriamente do fantasma – impõe-se, na montagem fantasmática, uma reflexão especular

⁵ O *Sujeito Barrado*, na terminologia lacaniana, refere-se ao sujeito dividido pela linguagem, pela submissão ao simbólico.

⁶ O sujeito “faz de conta”- processo inconsciente - que a demanda não é sua: coloca-a no Outro. É o outro que lhe demanda algo.

⁷ De poder, de prestígio.

do suporte narcísico, no lugar do Outro. O que fica configurado então é uma *potência no Outro*, que é a miragem do desejo humano por excelência.

Sendo essa “miragem de potência” algo que se dá no plano do Ideal – desdobrado entre o Eu Ideal e o Ideal do Eu – quando se trata de recobrir a angústia, o Eu Ideal do obsessivo aparentemente garante, pela reflexão, uma imagem no Outro, sem resto; e o Ideal do Eu toma a forma do *todo poderoso*: fantasma ambivalente do obsessivo, sendo também o suporte sobre o qual vão e vêm a multiplicidade de seus desejos, repelindo-os sempre para mais longe.

É na perspectiva desse fantasma que a função imaginária do objeto anal – esse objeto de dom – leva o sujeito a ficar retido na borda do “buraco castrativo”⁹: terreno que ele não pode entrar. Isso faz com que o destino do desejo, dos sintomas e das sublimações, adquira sentido por serem aquilo que contorna essa abertura central, promovida pelo o desejo fálico.

Esse contorno fica garantido, por exemplo, em função de um objeto que o obsessivo sempre encontra. O enigma dessa função dada ao outro – esse objeto exaltado – é, sub-repitiadamente, a negação do seu desejo.

Se o amor toma para o obsessivo as formas de um laço exaltado, é porque ele entende que o que alguém ama é uma certa imagem dele mesmo: ele a dá ao outro, de tal modo, que imagina que se essa imagem viesse a faltar, o outro não saberia mais a que agarrar-se. Essa imagem, sua manutenção, é o que o liga a toda distância de si mesmo, em relação a tudo que faz.

III –

Tentando contextualizar esses aportes teóricos, trago os seguintes recortes clínicos:

1 – Um caso de *início de análise*:

Trata-se de uma mulher que em seu segundo ano de “análise” ainda se mantinha numa queixa inicial, que consistia basicamente na “compulsão pelo trabalho”. Isso a fazia “trabalhar” mais de dezoito horas por dia, trabalho que implicava muito mais uma proliferação e agendamento de idéias a serem postas em prática, do que trabalho propriamente. Durante todo esse tempo, suas sessões eram preenchidas exclusivamente por explicitações e derivações dessa queixa, que sempre começavam com expressões do tipo: “estou cansada...”; “não tenho tempo suficiente...”; “não sei como vou fazer para dar conta...”etc.

A impressão que eu tinha era a de um “falar do sofrimento”, mas não de um sofrimento propriamente, a não ser por sintomatizações, parecendo tratar-se muito mais de ansiedade, do que de angústia.

Nenhum relato de sonhos, nenhuma referência a movimentos transferenciais, nenhuma presença, de fato, de questionamentos – de se perguntar sobre um porquê dessa compulsão. Quando essa pergunta surgia, não se constituía com um tempo para resposta.

⁸ Modo de abordagem do objeto parcial que é o olho, como correlativo do “objeto a” – função do objeto no fantasma, que Lacan chama de “ponto zero”, e que suspende, que anula, aparentemente, o mistério da castração. Isto porque, segundo Lacan, “a origem, a base, a estrutura da função do desejo como tal, está num estilo, numa forma cada vez por precisar do objeto ‘a’, na medida em que é não somente separado, mas elidido, sempre em outro lugar que não lá onde o desejo o suporta e no entanto em relação profunda com ele. Este caráter de ilusão não é em lugar nenhum mais manifesto do que a nível da função do olho” (Lacan, Seminário X, conferência de 22 de maio de 63).

⁹ A noção de buraco, aqui, refere-se ao vazio (ocupado pelo falo) provocado pela castração. Para não se haver com ela, o sujeito fica numa zona limítrofe, “bordeando”, contornando esse buraco, esse vazio (com idealizações ou rituais, por exemplo).

Enfim, seu discurso apresentava-se como um clássico discurso obsessivo e nada acontecia nesse trabalho, que apontasse a abertura para um processo de análise, para um efetivo questionamento.

2 – Um caso de aparente *fim de análise*:

Diz respeito a um homem que procurou por um trabalho analítico em função de um intenso sofrimento gerado por uma separação efetivada dentro de um longo casamento, no qual o outro – a parceira – era altamente idealizada.

Tratava-se, para este homem, de conseguir separar-se e, principalmente, de compreender todo o ódio desenvolvido e atuado a partir desse contexto que o levava tanto a agressões à parceira, quanto a si próprio.

Este quadro inicial – que marcou a maior parte do tempo de sua análise – fenomenologicamente implicava uma acentuada depressão com freqüentes idéias suicidas. Rapidamente uma neurose de transferência se estabeleceu, e eu, a analista, passei a ser o objeto idealizado.

Nesse sentido, tudo indicava haver ali um característico discurso histérico. Atualmente, às vésperas de completar oito anos de análise, tal discurso tem apontado para uma dinâmica onde os vínculos pessoais, sociais e de trabalho estão estabilizados. A exaltação afetiva circunscreve-se à neurose de transferência.

IV -

A possibilidade de pensar esses dois casos – que do ponto de vista fenomenológico são aparentemente diferentes – sob o mesmo prisma da neurose obsessiva, ocorreu-me especialmente em função de um mesmo lugar em que me sentia, e me sinto, sendo colocada em ambos os casos: no primeiro, como *alguma coisa que devia sair*, desobstruir, para que uma ruptura no discurso se desse; no segundo, como *alguma coisa que deve cair*, despencar, para que uma outra identificação, que não a um ideal, possa ser consolidada. Enfim, nos dois casos, dentro do momento que os relato, era e tem sido possível recorrer ao significante *merda*, para ilustrar a minha posição enquanto analista.

Como foi visto, uma vez que o que está em jogo na análise do obsessivo é particularmente sua identificação ao *objeto a*, travestido imaginariamente pelo objeto anal e, por isso, a impossibilidade do sujeito manter-se como desejante, a direção e os impasses da análise, então, vão se colocar sobre o *desejo do analista* e sua função, ou seja, sua posição de fazer aparência desse objeto.

No primeiro caso, tratando-se da necessidade de possibilitar a entrada em análise, a questão era como intervir nisso que se constituía no sintoma que a paciente trazia.

Sobre isso, cabe lembrar a colocação de Lacan: “A tentativa analítica não parte do enunciado do sintoma, mas de seu reconhecimento pelo sujeito. O primeiro passo da análise é que o sintoma se constitua na sua forma clássica: sem isso não há meio de saída. Para que o sintoma saia do estado de enigma que ainda não foi formulado, o passo não é que ele se formule, mas que, no sujeito, alguma coisa se desenhe, cuja característica é ser-lhe sugerido que há uma causa para isso” (ibid.).

Em outras palavras, Lacan aponta aí para o fato de que o sintoma – enquanto sintoma analítico, analisável – só se constitui à medida em que o sujeito o percebe. Particularmente no sintoma obsessivo, isso impõe que, de alguma forma, a dimensão de causa – de que há uma causa para isso – seja evocada. Só assim o sujeito poderá envolver-se com seu sintoma, e então este ser abordável.

É nesse sentido que, parece-me, foi possível intervir com a paciente em questão, quando, depois de mais de um ano de escuta, em uma dada sessão na qual ela contava que às vezes se perguntava sobre o porquê de sua compulsão, perguntei-lhe qual resposta ela encontrava nessas ocasiões, ao que ela respondeu: “Eu não sei, eu não tenho tempo para pensar nisso”. Nesse momento, que não mais de quinze minutos, interrompi a sessão, repetindo: “Eu não tenho tempo”. Até aí, eu raramente conseguira fazer cortes no tempo das sessões.

Alguma coisa deve sair...desobstruir.... A partir dessa sessão, que a deixou retornar bastante enraivecida, houve uma mudança no seu discurso, que passou a me incluir. Tive a impressão de que, mediante a intervenção que associou a pontuação a um corte, fiz-me coincidir com o que, naquele momento, poderia ser chamado “a causa do sintoma”: coincidir com uma espécie de *reflexão* do sintoma e abrir, então, a possibilidade de análise.

Parece-me ser a isso que Lacan se referiu, quando nos disse ser preciso sugerir ao paciente que há uma causa para seus sintomas. Entretanto, não se trata propriamente de sugerir, mas de intervir no sintoma a partir de um determinado lugar, no caso, de um lugar de corte, de falta. Sob esse aspecto, uma leitura posterior de minha intervenção seria considerá-la como tendo produzido o efeito de evocar o objeto causa do desejo, no momento em que a analisanda encolerizou-se comigo, para não se angustiar. A partir daí, entrei em sua economia psíquica, o que possibilitou sua entrada em análise.

V –

No *segundo caso* – um caso de aparente fim de análise – a questão que tem se colocado¹⁰ é mais complexa, pois, tratando-se de uma neurose obsessiva, o confronto com a angústia de castração – aqui, a *angústia anal* – coloca à prova, de forma mais radical, o *desejo do analista*, tanto na perspectiva de fazer função do *desejo do Outro*, quanto de fazer suporte do *objeto a*.

Isso pode ser apreendido melhor a partir desse mecanismo que o obsessivo usa para negar o desejo, que é o de evitar o *desejo do Outro*, recorrendo à *demanda no Outro*. É nessa medida que vem situar-se o *objeto a*, o objeto causa, ou seja, no campo da demanda – da demanda anal – na qual o “a” não é apenas demandado como excremento, mas é excremento demandado enquanto tal.

Portanto, a questão aqui é a de como o analista pode atuar no lugar desse objeto – objeto excremental – de tal forma que o sujeito possa confrontar-se com essa angústia anal, que sinaliza a verdadeira natureza de seu ser, reflexo desse excremento: como pode atuar de maneira a minimizar o risco do *acting-out* que, sob a forma de uma interrupção, cristalizaria o fantasma do “todo poderoso”, o que corresponderia a uma configuração da cena como obscena.

Uma das possibilidades de se pensar essa questão é a de considerar mais profundamente a natureza do *objeto a* enquanto um *objeto cessível*: essa natureza de algo que se destaca do corpo e, especialmente no objeto anal, de algo que cai. Pode-se dizer que é preciso que o analista possa reduzir-se a esse objeto na cena – trazer esse objeto para a cena, ou seja, cair de uma posição de Ideal do Eu.

Nesse momento, isso significa para o analista ter que se haver com sua própria angústia, pois tem que se fazer coincidir com esse objeto anal. A dificuldade disso é que, segundo Lacan, uma análise conduzida até esse ponto do surgimento de uma angústia anal – que deve aparecer como ponto de término – significa, para o sujeito, ter que entrar em contato com uma angústia, diante da qual há uma verdadeira dominância de um caráter de núcleo irreduzível.

¹⁰ Neste momento em que estou fazendo a revisão deste texto para sua publicação, já se passou um ano desde que fiz o recorte desse atendimento. O paciente conseguiu terminar sua análise quatro meses depois do mesmo.

Se o analista suportar, suporta também sustentar essa função cessível do objeto, caindo do lugar de onde é esperado a atuar. Se isso é possível, o caráter de irredutibilidade da angústia depara o sujeito com a castração. É aqui que se pode considerar o fato da “angústia revelar-se como aquilo que não engana no momento em que o campo do Outro fende-se e abre sobre o fundo” (ibid.), o que permite ao sujeito apreender a função da relação desse objeto a si próprio.

Essa relação, segundo Lacan, “se podemos apreendê-la de algum modo, é justamente na medida em que, numa certa confrontação (significante)¹¹ traumática, o sujeito cede à situação; cede no sentido de cessão. Este cede é literalmente uma cessão”(ibid.).

No caso em questão – de final de análise – o que tem marcado o indício dessa cessão, dessa queda, aparece especialmente em sonhos e no recrudescimento da transferência, que oscila entre idealização e ódio, que ora recaem sobre mim – a analista –, ora sobre o próprio analisando, e onde todas as variações possíveis do significante “merda” insistentemente comparecem nos relatos.

Minhas intervenções tem sido predominantemente as de prolongar os silêncios e encurtar as sessões, geralmente, cortando-as em cima de derivados dos significantes excrementais. É provável que isto também venha contribuído para a volta e intensificação da ambivalência, onde a faceta do ódio e, portanto, da agressividade, comparecem como atuações na transferência.

Aqui cabe lembrar que como todo neurótico, mas de forma mais radical, o obsessivo quer que o analista lhe demande algo. À medida que o analista deixa sem resposta a demanda, surge a agressão. Segundo Lacan, “a dimensão da agressividade entra em jogo para voltar a questionar a relação com a imagem especular. Na medida em que o sujeito esgota suas raivas contra essa imagem especular, produz-se essa sucessão de demandas que sempre se dirigem a uma demanda mais original, historicamente falando, e se modula a regressão como tal. É na medida em que se esgotam todas as demandas, até a demanda zero¹², que se vê aparecer, no fundo, a relação da castração” (conferência de 5/12/63).

Entretanto, penso que muitas vezes nesses momentos – momentos de fim – corremos o risco de lidar com a angústia suscitada pela convocação a ocupar o lugar desse objeto anal, fazendo a análise girar em torno dessa agressividade, o que se configuraria enquanto uma intervenção no plano da demanda: o analista estaria como que fazendo *semblant* do excremento, mas enquanto *excremento demandado*, ou seja, estaria atendendo à demanda e, portanto, saindo da perspectiva do *desejo do analista*. Um dos resultados aqui poderia ser apenas a viabilização de *um falô a mais* na expressão do desejo do analisando, o qual permaneceria assim em suspenso e possibilitaria, a partir disso, a re-instauração de uma ordenação de demandas, que acabariam culminando sempre em repetições mais ou menos patológicas: os chamados os *episódios diarréicos*, ou obscenos. Portanto, a questão então se coloca sobre como, e de que lugar, o analista precisa intervir.

A meu ver, o que se impõe para o analista é intervir com o obsessivo a partir do lugar do objeto excremental. Pode-se dizer que isso consiste em o analista poder *emerdar* a cena. Quero dizer com isso, que só pode tratar-se, para o analista, nesse momento, de *se deixar cair* enquanto objeto idealizado, e sustentar mais que do que nunca o *semblant* do objeto excremental. Só assim será possível o sujeito se ver, não como aquilo que é (o excremento) – imagens inumeráveis e infinitamente próximas de onde se aliena no domínio imaginário – mas de onde se vê no espaço virtual do Outro. Em outras palavras, trata-se aí de possibilitar o

¹¹ Acréscimo meu.

¹² A *demanda zero* refere-se à relação do sujeito com o *objeto a* tomado enquanto o primeiro suporte objetal, na relação com o Outro do processo de subjetivação, que se dá na fase anal. Em outras palavras, refere-se a “isso em que, ou isso pelo qual, o sujeito é requerido, inicialmente pelo Outro, a se manifestar como sujeito, sujeito de pleno direito, sujeito que já tem que dar aqui o que é, enquanto essa passagem, esta entrada no mundo do que ele é, não pode ser dar senão como resto” (Lacan, J. Seminário X, conferência de 3 de julho de 63).

descolamento do Ideal para a presentificação do objeto, do objeto primeiro do qual não se tem mais que um traço – um traço apagado: traço unário¹³, signo da primeira ruptura do sujeito. Só assim o sujeito obsessivo tem chance de se reintroduzir numa dimensão de desejo.

Emerdar a cena, então, é trazer a cena à cena, ou seja, atualizar o trauma na transferência, em ato e, com isso, permitir que ele – o trauma – não se reinstaure na Outra Cena¹⁴, ainda como obsceno.

Referência:

1 – LACAN, Jacques (1963) – Seminário X – A Angústia. Conferências de 12/06; 03/07 e 05/12. Versão policopiada, inédita e traduzida pelo Centro de Estudos Freudianos de Recife.

¹³ *Einziges Zung* – Termo utilizado por Freud para falar do “apenas um traço” do objeto, um traço parcial ao qual o sujeito se identifica, no “segundo tipo de identificação” (Psicologia de grupo e análise do ego). Lacan utiliza o traço unário para designar o significante em sua forma mais elementar, a primeira marca significante, e que se presta à primeira identificação simbólica do sujeito.

¹⁴ A *Outra Cena* é a expressão utilizada por Freud para se referir ao inconsciente, aos pensamentos inconscientes ou, ainda, aos *conteúdos oníricos*.